

A PROBLEMÁTICA DA AUTORIA NO FILME “NERUDA” (2016)¹

Elaine Cristina Senko Leme²

Resumo: O presente texto pertence ao debate realizado no Evento Cineureka em sua terceira edição realizada no campus da Unioeste de Marechal Cândido Rondon, PR. Sob o patrocínio do Laboratório de História Intelectual levamos a cabo nessa edição do evento o debate sobre a autoria fílmica e em nosso caso refletimos como isso aparece no filme “Neruda” (2016).

Palavras-chave: Cinema; Neruda; Autoria Fílmica

Abstract: This text belongs to the debate held at the Cineureka Event in its third edition held at the Unioeste campus of Marechal Cândido Rondon, PR. Under the auspices of the Laboratory of Intellectual History we carried out the debate on film authorship in this edition of the event and in our case we reflect how this appears in the film "Neruda" (2016).

Keywords: Movie Theater; Neruda; Film Authorship

Recebido em: 15/08/2019

Aprovado em: 25/03/2020

¹ Texto da apresentação na 3ª edição do Cineureka Unioeste, sob a coordenação de André Luiz Leme em 2017. Esse artigo é resultado da minha apresentação com a parceria de ideias do Professor Dr. Rodrigo Paziani.

² Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4247162T2>; Pós doutoranda em História pelo PPGH Unioeste. Marechal Cândido Rondon-PR, Brasil. E-mail: elainesenko@hotmail.com

Introdução

O filme *Neruda* (2016), nossa fonte fílmica, foi apresentado para o público brasileiro no verão de 2016-2017 nas salas de cinema. No mesmo ano também foi lançado por Pablo Larraín *Jackie* (2016). Na obra apresentam-se os desafios do poeta chileno (Pablo Neruda, 1904-1973) em seu exílio e da vivência do personagem (Neruda) no filme homônimo. Pablo Neruda é um pseudônimo de Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto – depois se tornar seu nome artístico no civil; foi cônsul do Chile na Espanha por quatro anos (de 1934 até 1938) e também no México. Pouco antes do golpe no Chile, Neruda recebeu o prêmio Nobel de Literatura (1971). Esse filme foi selecionado como representante do Chile ao Oscar e ao Globo de Ouro de melhor filme estrangeiro nesse ano (2017). O filme *Neruda* segue um ritmo mais poético do que de *No* (2012). No final dos anos 40, o inspetor Oscar – interpretado pelo ator Gael García Bernal faz uma investigação sobre o provável paradeiro de Neruda – papel interpretado por Luis Gnecco. Oscar Peluchonneau (que existiu, mas com menor importância do que no filme), persegue o poeta por conta de sua associação como senador ao Partido Comunista e sua posterior cassação, assim perseguido pelo governo de Gabriel Videla na realidade histórica (e também na ficção). O que se passa nessa busca da trajetória por Neruda é uma investigação nada ortodoxa e sim uma viagem/fuga literária e humana. Assim a cada pista poética do autor, o inspetor (que sabemos ao final que é seu próprio personagem), procura alcançar o poeta.

Esse embate do personagem em busca do autor e sua supremacia no enredo é coadunante com a proposta bakhtiniana e de Tolstói em suas análises literárias (como no caso clássico de Anna Karenina) em que o personagem toma conta do escrito do autor (ou a chamada diluição do autor perante a ascensão do personagem). A narrativa poética do autor Neruda é contada através de seu personagem sob o olhar do diretor/co-roteirista Pablo Larraín e do roteiro de Guillermo Calderón (além de sua equipe de produção, em destaque para o belo trabalho poético do diretor de fotografia Germán Uñero). A respeito de Uñero vale a pena destacar que seu primeiro filme, de 2014, se chama "Neruda fugitivo" (dirigido por Manoel

Basoalto, sobrinho de Neruda). Destaca-se também o famoso e belo poema de Neruda no filme “Vinte poemas de amor y una canción desesperada”³.

A não linearidade narrativa no filme enriquece a intriga e a trama da história a ser demonstrada. O diretor conseguiu através da obra de arte fílmica traduzir um pouco da arte literária. A descoberta de Oscar que ele é um personagem e que não está na realidade histórica e sim poética é uma ode ao conceito de mimesis renascentista a que tanto gostamos. Mas o que se destaca no filme além da diluição da autoria em favor da viagem/fuga narrativa do personagem, é o uso do plurilinguismo (Bakhtin) utilizado para se passar a sensação poética de uma narração baseada num subtexto histórico⁴. Neruda confrontado com a perspectiva de Compagnon evidencia a intenção do autor ou da arte poética da criação do personagem (tal como Bakhtin o personagem toma vida no romance); Mas qual é autoria do filme? Do diretor? Do roteirista? Do biografado (Neruda)? Ou a autoria é dinâmica e depende da subjetividade de quem os lê/vê? Cavalheiro destaca outro assunto fuga da morte autoral (que podemos ver na aflição do personagem Neruda?) e como para Bakhtin em que o sujeito é uma autoconsciência que se constitui reflexivamente pelo reconhecimento do outro no discurso, isto é, um sujeito que somente tem existência quando contemplado na intersubjetividade, pois é ela que permite contemplar a subjetividade – o auto-reconhecimento do sujeito pelo reconhecimento do outro. Um dado interessante... No Rotten Tomatoes, por exemplo, o filme Neruda aparece com 94% de aprovação da crítica e 71% do público geral que assistiu ao filme⁵.

Estamos diante da transmutação do realismo fantástico da poesia para a produção fílmica. Entretanto o autor – o histórico – está lá pois o subtexto da vida de Neruda está pulsante ao longo do filme. Entretanto conforme o diretor, o filme é uma antibiografia. Entendemos a antibiografia sendo produzida não como a biografia linear mas de forma

³ Agradeço aos alunos que participaram do Flash Mob ao recitarem o referido poema de Neruda: Patrick, Maitê, Janaice, Monique, Patrícia.

⁴ BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

⁵ <https://www.rottentomatoes.com/> Acesso 05/11/2018.

complexa inerente as escolhas do sujeito e sob outros pontos de vista não exclusivamente do personagem principal mas de “outrem/ns” e seguindo um *imaginário*. Segundo Larraín para a Folha de São Paulo (15/12/2016)⁶: “É muito difícil fazer uma biografia que funcione em apenas duas horas”, diz Larraín. “Neruda foi poeta, político, viajante, amante. Mais do que qualquer outra coisa, me interessam o imaginário, os sonhos, a visão de mundo. O filme é uma antibiografia”. Lembremos que o retorno da narrativa biográfica ocorreu nas décadas de 1970 a 80, principalmente por conta da produção acadêmica de historiadores medievalistas como Jacques Le Goff e Georges Duby, os quais possuíam uma proposta problematizante e desejavam entender, simultaneamente, o particular e o contexto formativo geral da época histórica em análise. Ao lado das produções que renovavam a questão da biografia na História estava também a ativa historiografia italiana, representada principalmente pelos trabalhos de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, com suas análises da micro-história, que focava as ações dos indivíduos em seu contexto mais particular. Atualmente produzir uma biografia é também ter em mente um conflito: uma aproximação inevitável ao personagem, ao mesmo tempo em que deve haver um necessário distanciamento, pois precisamos saber ao mesmo tempo sobre o contexto e o indivíduo que está, invariavelmente, imerso nele. Jacques Le Goff, por exemplo, ao escrever a obra *São Luís*, contribuindo para os estudos histórico-literários, nos elucida demonstrando a possível pluralidade de olhares distintos sobre o mesmo personagem, além de ressaltar ao lado disso o imaginário coletivo sobre ele.

Ora, a importância das biografias também no cinema nas últimas décadas se faz latente trazendo a tona culturas de diferentes países e temporalidades, além de realizar o resgate da memória identitária, como é o caso do presente filme hoje debatido (identidade histórico-social e *imaginada* chilena).

O personagem de Óscar Peluchonneau é um produto da literatura nerudiana⁷, mesmo tendo existido uma pessoa com esse nome que não condiz diretamente com esse personagem

⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/12/1841391-em-neruda-diretor-chileno-pablo-larrain-faz-antibiografia-do-poeta.shtml> Acesso 05/11/2018.

⁷ Agradeço imensamente as reflexões do Professor Dr. Rodrigo Paziani apresentadas no texto.

fílmico, pois apenas é um reflexo dos pensamentos do cineasta Larraín. A ascensão de Oscar de coadjuvante ao protagonista da trama podemos considerar como uma permissão bakhtiniana de ascensão da presença. A construção do personagem, seguindo uma ótica bakhtiniana, Oscar faz parte de Neruda e ao mesmo tempo de Larraín. Além disso, Oscar é na produção fílmica um alter ego de Neruda, ou seja, o personagem é parte constitutiva do autor (sujeito-personagem), embora este tenha existido no mundo histórico concreto.

No debate entre história e ficção, interessante o desenvolvimento do roteiro (um roteiro democrático diga-se de passagem pois compartilhado por Larraín e Calderón, atores e produção) no sentido de demonstrar a realidade histórica pelo personagem que não tem subtexto histórico (Oscar), já o personagem de Neruda se desenvolve no sentido poético, do imaginário. O poeta Neruda enquanto personagem fílmico parece nos passar a mensagem de que deseja ultrapassar até a morte pois tem o foco em sua lembrança ao futuro (um sentido de história).

Outro debate interessante na obra fílmica é o desejo de Oscar - um claro defensor dos princípios conservadores no final dos anos 40 - em desejar em sua busca por Neruda de fato e através de suas obras - uma aproximação com o universo da pluralidade e artístico. É um embate pessoal que o personagem de Oscar sofre ao longo da narrativa e por que não também do próprio Larraín?

Existe atravessando a narrativa fílmica a nossa problematização sobre ele em que a autoria demonstra alguns significados: o autor Neruda de Larraín e seus personagens perpassam duas margens de inteligibilidade (autografia/alografia): quando Neruda se posiciona nas margens autográficas e sob as costuras alográficas (traços da equipe fílmica e diretor/roteirista). Como a obra fílmica é independente de uma saga retilínea de uma obra específica nerudiana podemos compreender o filme como co-produção ou segundo nível de produção da poética do autor inicial. Mas o detalhe aqui é que tudo é autoral no filme (equipe de produção, roteirista Guillermo Calderón, os atores, nós os espectadores) pois é uma imagem caleidoscópica, no entanto, são o diretor e o roteirista que assumem a autoria formal da obra perante a mídia e os órgãos de negociação.

No presente filme em estudo podemos detectar o uso da ironia e da crítica sobre a posição mais conservadora na política e a tentativa de retirar do estado vegetativo esse partidário conservador e torná-lo mais plural ao promover o contato com as artes, aqui representado pela postura de Oscar e da biografia e obras de Neruda. Mas não podemos tornar dicotômica nossa análise, pois na obra fílmica o próprio Neruda é questionado sobre seu posicionamento real frente às questões sociais. Ele está imerso ou não na luta social efetiva? A pergunta do filme fica para nós, os espectadores, responderem.

A voz poética através da fala de Oscar é do diretor Larraín e sua equipe de produção e a escolha por uma narrativa policial tem dois sentidos: o primeiro é que Neruda produziu narrativas policiais pois gostava delas de fato e a segunda que o filme em um próximo nível interpretativo utiliza esse gênero como seu fio condutor narrativo. Além disso, o Neruda que nos é apresentado perpassa as subjetividades de Larraín colocadas também nas ações de Oscar.

Ora, temos também três elementos de experiência autoral, portanto: o autor institucional (Larraín) e os dois personagens que passam ao degrau autoral, um pautado na realidade histórica mas absorvido no modo poético de se apresentar, Neruda, e outro totalmente ficcional mas que apresenta características miméticas do poeta, Oscar. Esse triplo grau narrativo e autoral nos chama muito atenção na produção desse filme, por isso consideramos tal produção com muita profundidade refletiva.

Larraín parece ao desconstruir o mito nerudiano não reduzi-lo mas engrandecê-lo, pois ao colocar Neruda ao nível da empatia do cotidiano torna a narrativa sublime mas ao mesmo tempo marcada pela crítica das atitudes daquele poeta. Estamos junto com Larraín caçando Neruda na narrativa construída até um pouco antes do final pelo discurso de Oscar (voz de Larraín), pois no epílogo encontramos o Neruda histórico (outra voz de Larraín) que sofre com o desígnio de seu próprio personagem.

Há inclusive no filme uma crítica ao posicionamento de Neruda na política, parece que transitava entre um mundo conservador e um mais plural, mas de fato o que o Larraín quer nos fazer refletir é sobre a atuação social do poeta.

A discussão sobre os cruzamentos entre ação e teoria está presente na obra fílmica pois que a ação está voltada para a prática do real e a teoria versa sobre até que ponto a escrita nerudiana afeta o momento histórico?

O êxtase narrativo da referida obra fílmica em análise está no encontro chave entre o personagem-poeta com o personagem-narrador. Isso ocorre quando a personagem ficcional se reconhece como parte intrínseca da vida do personagem real. No final as vozes de Oscar e Neruda (direção e roteiro) se unem. Instante em que o “criador” se reconhece em sua “criatura” e na qual esta se torna quase autônoma face ao “criador” a ponto de “vê-lo” em sua alteridade. Quem criou quem?

Como Larraín assume a frente autoral da obra fílmica, pois adapta o roteiro aos seus olhos, devemos lembrar que a família desse estava ligada ao partido conservador por gerações no Chile, mas nos parece que o Larraín diretor do filme em análise ao seguir os passos da arte tende a se posicionar tal como o filme entre o conservadorismo de tradição e o olhar para os novos tempos, com uma abertura para a pluralidade e efetiva ação social.

Larraín aposta e se beneficia no silêncio sobre a intimidade de Neruda para criar a ficção da narrativa fílmica, tal como em outro filme sob sua assinatura como *Jackie*. Sabemos mais sobre a vida pública de Neruda como sua fuga na época da perseguição comunista e de sua vivência como senador do que sobre sua vida privada.

Devemos fazer uma parênteses aqui sobre a valiosa autoria dos personagens aos atores que interpretam os elementos centrais dessa trama investigativa: Luis Gnecco como Neruda e Gael García Bernal como o inspetor Oscar Peluchonneau. Eles marcam com suas máscaras interpretativas e humanizam a ideia do roteiro e da direção ao trazer até o espectador a história. Sem eles o efeito de recepção da obra seria de outra maneira.

Essa quase cinebiografia ou como Larraín define como antibiografia por conta dos seus elementos inventivos sobre Neruda atravessa muitos "autores" interpretativos e ainda pode ser recepcionado de inúmeras formas pelo espectador, mas o que ainda permanece e não se dissolve é a existência do poeta histórico Neruda, esse fica para a vida de todos nós.

Devemos ressaltar aqui que as imagens do feminino atravessam a voz poética de Larraín sob inspiração nerudiana, são mulheres firmes (como Delia del Carril) e possuem opiniões críticas sobre o mundo.

O filme apresenta o que poderia ter sido de Neruda e não exatamente uma análise histórica do que foi o poeta. Por isso caminhamos aqui nos entrecruzamentos ou nas costuras entre história e poesia, e por isso mesmo o filme se torna uma plataforma interessante nessa análise como fonte histórica. Cada vez mais nos deparamos entre o ser existido e o ser imaginado.

No ato de pura invenção do cinema arte podemos detectar como a postura de compartilhamento do roteiro de Larraín com Calderón e as interferências dialogadas da equipe de produção e dos atores em cena fazem daqueles momentos de filmagem de um ato criativo também histórico.

Por fim, a fuga/exílio do autor Neruda para a Argentina é um embate sobre a soberba e concomitante humildade do artista. O seu destino final - organizado pelo Partido Comunista - era chegar na Europa tendo o famoso encontro com o artista Pablo Picasso. Essa fuga foi intensificada quando da demarcação de Videla em 1948 da "Ley Maldita" coadunante com o anticomunismo macartista. As imprecisões históricas sobre Neruda no filme não devem ser criticadas pois estamos diante de um gênero fílmico que não se trata de documentário mas de produção ficcional. Devemos tentar compreender a linha tênue e dialogada da experiência entre a presença do subtexto histórico (do que foi de fato) e o que a partir desse terreno a liberdade poética produziu (o que poderia ter sido). Essa dialética mimética é que torna o debate sobre o trabalho autoral instigante. Por fim, a obra fílmica em estudo traz a noção de prazer cinematográfico ao apresentar um tempo e espaço diegéticos, além de demonstrar uma ativa busca identitária dos filmes chilenos.

Referências

Filme Neruda (2016), sob direção de Pablo Larraín. Roteirista Guillermo Calderón. Chile, Argentina, França, Espanha, Estados Unidos. 1h47min. 20th Century Fox. Diretor de Fotografia: German Uñero.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

<https://www.rottentomatoes.com/> Acesso 05/11/2018.

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/12/1841391-em-neruda-diretor-chileno-pablo-larrain-faz-antibiografia-do-poeta.shtml> Acesso 05/11/2018.